

ESTUDOS SOBRE LITORAL EM GEOGRAFIA: HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO EPISTEMOLÓGICO

**STUDIES ABOUT COAST IN GEOGRAPHY:
HISTORY AND EPISTEMOLOGICAL DEVELOPMENT**

**ESTUDIOS SOBRE LA COSTA EN GEOGRAFÍA:
HISTORIA Y DESARROLLO EPISTEMOLÓGICO**

DOI 10.33360/RGN.2318-2695.2021.i2.p.28-50

André Nunes de Sousa

Doutor em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Professor do Departamento de Geografia do Instituto Federal da Bahia (IFBA)
E-mail: anunesds82@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-2463-349X>

Mateus Barbosa Santos da Silva

Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Licenciado e Bacharel em Geografia (UFBA)
Docente de Geografia da Rede Municipal em São Francisco do Conde-BA
E-mail: mateusb_1@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-6195-2764>

RESUMO

Intrinsecamente relacionado ao aumento do interesse acadêmico dos geógrafos pelo litoral, deve-se ter em conta também o intenso processo de redefinição social dos significados e usos dos espaços litorâneos nos dois últimos séculos, transformados em recursos e territórios em disputa. Novos conteúdos sociais resultam, notadamente, de uma trama de relações funcionais e simbólicas que ocorre em múltiplas escalas, engendrada por diferentes agentes que particularizam geograficamente os espaços litorâneos através de suas ações, atribuindo-lhes valor de uso e de troca e demandando, por parte dos geógrafos, a elaboração de novas propostas teórico-metodológicas e conceituais para as suas análises. Pensando nesses termos, este artigo busca contribuir, a partir de uma análise ainda introdutória, com o debate sobre as bases histórico-epistemológicas dos estudos sobre litoral desenvolvidos em Geografia no Brasil. Para tanto, o texto remonta, primeiramente, uma breve contextualização histórica acerca desses estudos para, em seguida, pôr em evidência a diversidade de abordagens teórico-metodológicas e conceituais presente nas análises geográficas sobre o litoral, bem como a necessidade de se debater seus avanços, limites e obstáculos epistemológicos. Igualmente, apresentamos breves notas históricas amparadas em revisões bibliográficas já realizadas por outros pesquisadores, de modo a evidenciar um trânsito epistemológico que, por um lado, acompanha a própria trajetória da Geografia, mas, por outro lado, guarda suas particularidades relacionadas às próprias mudanças de usos e significados que os espaços litorâneos passaram, sobretudo ao longo do século XX. Em adição, tentando reafirmar o aumento do interesse acadêmico dos geógrafos sobre a temática, fizemos, além de uma revisão bibliográfica mais atualizada, um breve levantamento sobre a composição temática de eventos acadêmicos e os alinhamentos científicos de grupos que constam no diretório de pesquisas do CNPq.

Palavras chaves: Litoral; Geografia; Epistemologia.

ABSTRACT:

Intrinsically related to the increase of geographers' academic interest in the coast, one must also take into account the intense process of social redefinition of the meanings and uses of coastal spaces in the last two centuries, transformed into disputed resources and territories. New social content results, notably, from a web of functional and symbolic relationships that occurs at multiple scales, engendered by different agents



that geographically individualize coastal spaces through their actions, assigning them value of use and exchange and demanding, on the part of geographers, the elaboration of new theoretical-methodological and conceptual proposals for their analysis. Thinking in these terms, this article seeks to contribute, from an still introductory analysis, to the debate on the historical-epistemological bases of studies on the coast developed in Geography in Brazil. To this end, the text goes back, first, to a brief historical contextualization of these studies, and then to highlight the diversity of theoretical-methodological and conceptual approach present in the geographical analyzes of the coast, as well as the need to debate their advances, epistemological limits and obstacles. Likewise, we present brief historical notes supported by bibliographic reviews already carried out by other researchers, in order to show an epistemological transit that, on the one hand, accompanies the very trajectory of Geography, but, on the other hand, keeps its peculiarities related to the changes in uses and meanings that coastal spaces have undergone, especially throughout the 20th century. In addition, in an attempt to reaffirm the increased academic interest of geographers on the subject, in addition to a more up-to-date bibliographic review, we have carried out a brief survey on the thematic composition of academic events and the scientific alignments of groups in the CNPq research directory. .

Keywords: Coast; Geography; Epistemology.

RESUMEN:

Intrínsecamente relacionado con el aumento del interés académico de los geógrafos por la costa, también hay que tener en cuenta el intenso proceso de redefinición social de los significados y usos de los espacios costeros en los últimos dos siglos, transformados en recursos y territorios en disputa. Los nuevos contenidos sociales resultan, en particular, de una trama de relaciones funcionales y simbólicas que se dan a múltiples escalas, engendradas por diferentes agentes que individualizan geográficamente los espacios costeros a través de sus acciones, asignándoles valor de uso e intercambio y exigencia, por parte de los geógrafos, a la elaboración de nuevas propuestas teórico-metodológicas y conceptuales para su análisis. Pensando en estos términos, este artículo busca contribuir, desde un análisis aún introductorio, al debate sobre las bases histórico-epistemológicas de los estudios sobre la costa desarrollados en Geografía en Brasil. Para ello, el texto se remonta, en primer lugar, a una breve contextualización histórica de estos estudios, para luego resaltar la diversidad de enfoques teórico-metodológicos y conceptuales presentes en los análisis geográficos de la costa, así como la necesidad de debatir sus avances, límites y obstáculos epistemológicos. Asimismo, presentamos breves notas históricas sustentadas en revisiones bibliográficas ya realizadas por otros investigadores, con el fin de mostrar un tránsito epistemológico que, por un lado, acompaña la trayectoria misma de la Geografía, y por otro, mantiene relacionadas sus particularidades a los cambios de usos y significados que han sufrido los espacios costeros, especialmente a lo largo del siglo XX. Además, en un intento por reafirmar el creciente interés académico de los geógrafos por el tema, además de una revisión bibliográfica más actualizada, hemos realizado un breve recogido sobre la composición temática de los eventos académicos y las alineaciones científicas de grupos en el directorio de investigación del CNPq.

Palabras clave: Costa; Geografía; Epistemología.

1 INTRODUÇÃO

O debate sobre o percurso histórico e, conseqüentemente, epistemológico da Geografia no Brasil tem ganhado novas e importantes contribuições nos últimos anos através da realização de pesquisas que têm ampliado a compreensão sobre o desenvolvimento da disciplina no país, demonstrando suas tendências, assimilações e (re)produções teórico-metodológicas. Seja em termos mais gerais ou por meio de trabalhos voltados para a formação de diferentes subáreas da Geografia, tais esforços têm possibilitado aos geógrafos um entendimento mais sistematizado sobre os



fundamentos científicos e pedagógicos balizadores das análises e práticas geográficas ao longo do tempo, incluindo a sua fase de pré-institucionalização universitária.¹

Diferente do que ocorreu em subáreas como, por exemplo, a climatologia, a geomorfologia ou a Geografia urbana, talvez ainda seja cedo para afirmar categoricamente que uma Geografia do Litoral segue um caminho de autonomização (ou setorização) na *episteme* geográfica. Mas fato é que os estudos sobre o litoral têm se afirmado como área de interesse crescente entre os geógrafos brasileiros, figurando e mobilizando uma expressiva produção bibliográfica resultante do desenvolvimento de projetos científicos; intercâmbios acadêmicos nacionais e internacionais; orientações de pesquisas em níveis de graduação e de pós-graduação; além da realização de seminários periódicos especializados na temática litorânea.

Intrinsecamente relacionado ao aumento do interesse acadêmico dos geógrafos pelo litoral, deve-se ter em conta também o intenso processo de redefinição social dos significados e usos dos espaços litorâneos nos dois últimos séculos, transformados em recursos e territórios em disputa (DANTAS, 2009). Novos conteúdos sociais resultam, notadamente, de uma trama de relações funcionais e simbólicas que ocorre em múltiplas escalas, engendrada por diferentes agentes que particularizam geograficamente os espaços litorâneos através de suas ações, atribuindo-lhes valor de uso e de troca e demandando, por parte dos geógrafos, a elaboração de novas propostas teórico-metodológicas e conceituais para as suas análises (DANTAS, 2009; SOUSA, 2011).

Pensando nesses termos, este artigo busca contribuir, a partir de uma análise ainda introdutória, com o debate sobre as bases histórico-epistemológicas dos estudos sobre litoral desenvolvidos em Geografia no Brasil. Para tanto, o texto remonta, primeiramente, uma breve contextualização histórica acerca desses estudos para, em seguida, pôr em evidência a diversidade de abordagens teórico-metodológicas e conceituais presente nas análises geográficas sobre o litoral, bem como a necessidade de se debater seus avanços, limites e obstáculos epistemológicos (BACHELARD, 1996).

Não é objetivo deste artigo uma revisão exaustiva dos trabalhos desenvolvidos em Geografia acerca do litoral – o que demandaria uma extensa pesquisa –, mas seguir uma linha historiográfica citando alguns trabalhos relevantes e emblemáticos que evidenciem o trânsito epistemológico de um lado e, de outro, a própria mudança de interesse da sociedade (e dos geógrafos) pelo litoral. Nesse intuito, além de revisão bibliográfica, foram observadas a composição temática de eventos científicos voltados para os estudos sobre litoral em Geografia, além dos alinhamentos científicos

¹ Para mais detalhamento sobre o percurso histórico-epistemológico da Geografia e de suas subáreas no Brasil ver, por exemplo, os trabalhos de Pereira (2003); Vlach (2004); Moraes (2005); Mary (2010); Moreira (2010a); Cardoso (2013); Sant'Anna Neto (2015); Duarte (2017); Costa (2019); Pereira (2019); Baumgartner (2019); Sousa (2019); Sousa et al. (2019) e Vaz (2019), entre outros.



de grupos que constam no diretório de pesquisas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

2 NOTAS HISTÓRICAS SOBRE OS ESTUDOS DO LITORAL EM GEOGRAFIA NO BRASIL

Em um ensaio publicado em 2009, Lins-de-Barros e Muehe listam uma série de autores e trabalhos pioneiros dedicados ao litoral e aos oceanos, ligados a uma comunidade geográfica em formação e divulgados em âmbitos nacional e/ou internacional a partir do século XVIII. Em revisão similar, mas apresentando densidades histórica e epistemológica mais expressivas em termos nacionais, Ab'Saber e Christofolletti (1980) traçam também um importante panorama sobre pesquisas que tiveram como objeto os aspectos físico-naturais do Brasil, incluindo o seu vasto litoral. Essas duas publicações, embora se constituam em importantes esforços de sistematização historiográfica, evidenciam, por outro lado, certas lacunas e a necessidade de investigações continuadas acerca do lugar dedicado aos estudos sobre o litoral na Geografia, bem como sobre suas bases científicas.

Intitulado *Geociências*, o capítulo, assinado por Ab'Saber e Christofolletti (1980) na clássica coletânea *História das Ciências no Brasil*, busca apresentar alguns dos mais importantes autores, obras e eventos decisivos para a formação e consolidação das pesquisas geográficas e ciências correlatas no país, pondo em destaque estudos dedicados às formas e dinâmicas físico-naturais do ambiente. Os autores centraram seus esforços em uma revisão de trabalhos dispersos e heterogêneos do ponto de vista dos métodos e propósitos científicos, desenvolvidos desde o século XIX e que, mais tarde, foram possíveis de serem agrupados no que se convencionou a chamar de Geociências.

No rol dessa sistematização, Ab'Saber e Christofolletti (1980) destinam um dos tópicos do longo do artigo² à Oceanografia no Brasil, embora os estudos sobre a relação entre as dinâmicas oceânicas e marinhas com os outros elementos do sistema terrestre também sejam evidenciados nos demais tópicos do texto. São os estudos oceanográficos que parecem, num primeiro momento, corresponder ao que, na atualidade, têm se dedicado um número considerável de geógrafos, notadamente na Geografia Física.

Ao tratarem dos estudos oceanográficos realizados no Brasil, Ab'Saber e Christofolletti (1980) localizam as primeiras pesquisas mais sistematizadas sobre o litoral brasileiro nas expedições marítimas e na expressiva cartografia costeira produzida pelo almirante Ernest Mouchez entre 1861 e 1866. Segundo os autores, os primeiros esforços de Mouchez foram responsáveis por criar as

² Trata-se de um longo capítulo com 121 páginas, que demonstra o grande esforço de pesquisa e de sistematização historiográfica por parte dos autores.



bases para a continuidade e o desenvolvimento científico e institucional das pesquisas relacionadas com o litoral e o oceano nas décadas seguintes no país.

Todavia, embora reconheçam as contribuições de Mouchez em trabalhos realizados pela Marinha do Brasil, a partir da criação do Serviço Hidrográfico Nacional em 1862, escapa à remontagem historiográfica de Ab'Saber e Christofolletti (1980) a influência de Mouchez sobre os textos publicados nos *Anais* dos Congressos Brasileiros de Geografia (CBG), realizados ao longo da Primeira República – portanto anteriores à institucionalização universitária da Geografia –, patrocinados pela Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e institutos histórico-geográficos regionais (CARDOSO, 2013; SOUSA, 2019)³.

Nesse sentido, além de pesquisas desenvolvidas por militares – algumas delas também publicadas nos *Anais* dos CBG –, merece ser citado com particular atenção o trabalho *A carta hidrográfica da Baía de Todos os Santos e de seus arredores*, apresentado por Theodoro Sampaio no 5º Congresso Brasileiro de Geografia, realizado em 1916 na cidade de Salvador. Em adição, embora não publicado nos *Anais* do congresso, mas integrante do mesmo círculo de afinidades de Theodoro Sampaio, deve-se também destacar a publicação do importante texto *Uma página de Oceanografia* na obra *Por Mares e Terras (Leituras Geográficas)*, de autoria de Bernardino de Souza (SOUZA, 1913; SAMPAIO, 1916).

A relevância desses textos deve-se ao fato de corresponderem a trabalhos realizados por personagens envolvidos nos primeiros esforços de institucionalização da Geografia no Brasil, que atravessaram a transição entre uma geografia pré-universitária e a formação do sistema geográfico oficial, participando ativamente da constituição desse último (SEABRA, 2008; CARDOSO, 2013; SOUSA, 2019). Trata-se, pois, de trabalhos desenvolvidos por autores que publicaram diversas obras auto definidas como geográficas e que estavam em sintonia com a bibliografia internacional da Geografia, demonstrando, ainda na segunda década do século XX, a importância que tiveram as expedições e a cartografia costeira de Mouchez, além de outros autores estrangeiros, para o início dos estudos sobre o litoral do Brasil.

No tocante ao texto de Theodoro Sampaio (1916), trata-se de uma investigação de caráter mais empírico, tomando como ponto de partida os dados produzidos por Mouchez sobre a Baía de Todos os Santos e que são confirmados ou corrigidos por Sampaio para a confecção de sua carta hidrográfica da baía. Já o texto de Bernardino de Souza (1913) demonstra o amplo conhecimento que esse autor detinha sobre a literatura científica internacional, em particular da Geografia,

³ Segundo Cardoso (2013), a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, em parceria com Institutos Geográficos e Históricos regionais, promoveu ao longo da Primeira República oito Congressos Brasileiros de Geografia. Já na Era Vargas, mais dois congressos foram realizados sob a batuta do recém-criado Conselho Nacional de Geografia. Para mais informações sobre os Congressos Brasileiros de Geografia anteriores à institucionalização universitária da Geografia, ver Pereira (2003; 2019); Cardoso (2013); Baumgartner (2019) Sousa (2019); e Vaz (2019).



evidenciada também em outros textos em que ele propõe caminhos para a sistematização da ciência geográfica no Brasil, sobretudo a partir das influências alemã e norte-americana, com particular atenção para as contribuições de Friedrich Ratzel e Willian Morris Davis (SOUSA, 2019; PEREIRA, 2019; BAUMGARTNER, 2019)⁴.

Mais do que um aprofundamento sobre esses textos, importa, para os propósitos deste trabalho, observarmos duas questões que nos ajudam a remontarmos o caminho histórico-epistemológico dos estudos sobre o litoral no Brasil: a primeira questão refere-se às influências alemã e norte-americana que não demonstravam desvantagem frente às contribuições francesas até a década de 1920 no país⁵, ao passo que a segunda questão diz respeito à proeminência das formas e dinâmicas da natureza com relação aos processos sociais dos espaços litorâneos – o que, por sua vez, também, está ligada aos usos e significados atribuídos pela sociedade a esses espaços até então. Trata-se, portanto, de duas questões que foram alteradas nas décadas seguintes.

Retornando ao texto de Ab'Saber e Christofolletti (1980), os autores afirmam que novos e significativos impulsos foram dados às pesquisas sobre oceano a partir da criação das primeiras universidades brasileiras na década de 1930 – momento em que a perspectiva francesa (vidaliana) passou a ter maior influência e direcionar as pesquisas em Geografia no Brasil, a partir da chegada de professores franceses nas recém-criadas universidades no país. Nesse novo contexto, foi fundado o Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo, que passou a dividir as ações referentes aos estudos das dinâmicas marinhas e oceânicas com a Marinha do Brasil.

Já a partir do final da década de 1950 foram criados outros laboratórios vinculados às jovens universidades, mas ainda especializados nas dinâmicas naturais do oceano. Nesse contexto, foram fundados o Laboratório de Ciências do Mar, na Universidade Federal de Pernambuco (1958); o Laboratório de Ciências do Mar, na Universidade Federal do Ceará (1961); e o Centro dos Estudos Costeiros e Oceanográficos, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1967); contribuindo também para um número crescente de pesquisas em nível de pós-graduação (AB'SABER; CHRISTOFOLETTI, 1980).

Cabe destacar, portanto, que o período assinalado pelos autores corresponde a uma transição epistemológica importante na Geografia desenvolvida no país. Se, num primeiro momento de institucionalização, os trabalhos dos geógrafos tiveram suas bases científicas fortemente

⁴ Bernardino José de Souza foi um importante geógrafo sergipano, professor de Geografia e político, responsável por uma expressiva obra geográfica produzida ao longo de quatro décadas e por políticas de institucionalização da Geografia no Brasil, como a criação do Conselho Nacional de Geografia. Para mais informações sobre Bernardino de Sousa, ver Sousa (2019), Pereira (2019) e Baumgartner (2019).

⁵ Em diversos de seus textos, Bernardino de Sousa dá maior proeminência aos estudos da Geografia Física que ele acreditava ser o fundamento do “edifício” geográfico. Essa premissa partia, sobretudo, das suas leituras e afinidades com os textos de geógrafos como Ratzel, De Martonne e, principalmente, Davis. Este último figura como sua principal referência nos estudos geográficos. Para mais informações ver Pereira (2019) e Sousa (2019).



influenciadas por uma perspectiva francesa (vidaliana) de Geografia, superando as influências alemã e norte-americana e empenhada em construir quadros histórico-geográficos a partir da regionalização de morfologias sobrepostas (conjuntos de paisagens), a década de 1950 foi marcada por uma preocupação maior e vinculação dos geógrafos com a questão do planejamento do território, recorrendo a outras perspectivas e propostas teórico-metodológica de se fazer ciência (MORAES, 2005; MOREIRA, 2010b).

Esse trânsito epistemológico se vincula, por um lado, às próprias mudanças ocorridas na Geografia em âmbito internacional, nos seus diferentes contextos socioespaciais, mas que convergiram em boa parte para uma noção de Geografia aplicada, que também incidiu sobre o Brasil (TRICART, 1960a); e, por outro lado, se relaciona com as próprias transformações provocadas pelo processo de modernização do território e do Estado brasileiros, marcado pela expansão da urbanização pelo país (MORAES, 2005). No tocante à ideia de uma Geografia aplicada, embora esse interesse fosse crescente em diferentes países e tivesse variações metodológicas, novamente os geógrafos franceses reafirmaram sua influência no Brasil.

Contribuíram para a reafirmação e fortalecimento da vinculação dos geógrafos brasileiros com a Geografia desenvolvida pelos franceses, as capacitações em cursos oferecidos no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); a realização do XVIII Congresso da União Geográfica Internacional (UGI), em 1956; e o intercâmbio de pesquisadores nos anos seguintes ao congresso, que possibilitaram a formação de círculos de afinidade e cooperação de trabalhos que se estenderam por décadas (SANTOS, 1958; BONFIM, 2015). Tais eventos reafirmaram a influência que os geógrafos franceses já exerciam nos departamentos das jovens universidades brasileiras.

Pensando particularmente nos estudos sobre o litoral, a publicação sobre a Bahia, assinada por Domingues e Keller (1958), resultante de uma das expedições realizadas no congresso da UGI, e os trabalhos desenvolvidos por Tricart e Silva (1958) e por Tricart (1960b), exemplificam a continuidade dessa influência.

No caso da publicação de Domingues e Keller (1958), trata-se de um trabalho típico de influência vidaliana, no estilo das monografias regionais descritivas, caracterizado por uma descrição morfológica das unidades de paisagem que, em seu conjunto, e acrescidos dos gêneros de vida, dariam origem a quadros regionais – é nesses termos que Domingues e Keller (1958) descrevem o litoral na antiga e oficial região Leste do Brasil, bem como na região do Recôncavo Baiano.

Já os textos de Tricart e Silva (1958) e Tricart (1960b) – posteriores ao Congresso da UGI, mas resultantes do encontro entre pesquisadores que participaram desse evento –, podem ser inscritos numa espécie de fase de transição entre a perspectiva vidaliana clássica, já amplamente difundida e realizada nas universidades do Brasil, e a ideia de uma Geografia aplicada que,



gradativamente, chegava ao país recebendo outras influências teórico-metodológicas, como as quantificações e classificações propostas por Michel Rochefort e o esforço de refletir sobre a natureza a partir do materialismo dialético, como propôs o próprio Tricart⁶.

É importante notar que essas publicações concentram a atenção na morfologia das paisagens e nas regiões formadas a partir dos conjuntos de paisagem, evidenciados pelas formas e dinâmicas da natureza – o que inclui, portanto, as paisagens e regiões litorâneas. Isso se deve, por um lado, ao próprio momento epistemológico da Geografia, ocupado ainda em dar legitimidade científica aos seus estudos a partir dos pressupostos das ciências naturais e exatas, tratando a sociedade através de tipologias; mas, por outro lado, deve-se ter em conta também que se trata de um momento em que, no Brasil, a sociedade estava “descobrendo” o mar como fenômeno social (DANTAS, 2009; MOREIRA, 2010a; MOREIRA, 2010b; SOUSA, 2011).

No tocante aos usos e significados atribuídos pela sociedade ao litoral, as mudanças mais intensas ocorridas no Brasil a partir de meados do século XX acompanham e se inserem numa lógica internacional iniciada no século XIX. Conforme Sousa (2011), trata-se, na verdade, de um construto social complexo, que envolve diferentes agentes sociais, que agem e se articulam em diferentes escalas, a partir de interesses os mais diversos. É esse construto social complexo, em sua dimensão espacial, que se apresenta gradativamente aos geógrafos como imperativo de revisão de suas abordagens, conceitos, teorias e métodos de análise.

As publicações citadas neste tópico, inscritas sobretudo entre as décadas de 1910 e 1960, constroem suas afirmações científicas, notadamente, a partir de noções advindas da oceanografia e geomorfologia – como oceano, fossa, litoral, costa, cordão litorâneo, restinga, falésias, barra, canal, entre outros. Todavia, o que se impõe aos estudos sobre o litoral em Geografia na atualidade são as mesmas ou similares questões que tomaram o conjunto da ciência geográfica como um todo, derivadas, principalmente, da mudança de perspectiva frente ao seu objeto de estudo. O trânsito epistemológico que conduziu os geógrafos do estudo da superfície da Terra para as pesquisas que tomam o espaço como o objeto de estudo alterou profundamente a análise geográfica.

A mudança corresponde a uma passagem da descrição da morfologia das paisagens e identificação de quadros regionais para uma compreensão do espaço como instância ou produto social, o que implica uma revisão das suas abordagens, conceitos, teorias e métodos. No tocante aos estudos sobre o litoral, inscritos nessa transformação, o mesmo se sucede: trata-se de um processo articulado e indissociável entre movimentos internos e externos à ciência, reclamando outros modos de se abordar a temática na Geografia. Nesse contexto, observa-se na atualidade, um número

⁶ Acerca da proposição de Tricart em analisar a natureza a partir do materialismo dialético e histórico, cabe lembrar que Tricart redigiu um texto intitulado *A geomorfologia e o pensamento marxista* amplamente difundido em diversas publicações/periódicos acadêmicos.



crescente de trabalhos que buscam construir novas abordagens metodológicas e conceituais amparadas em perspectivas teórico-filosóficas como, por exemplo, o materialismo histórico e dialético e a fenomenologia⁷.

A questão que se coloca agora como desafio para os geógrafos, portanto, é como apreender e analisar processos socioespaciais relativamente novos que se particularizam nos espaços litorâneos.

3 PROBLEMAS TEÓRICO-METODOLÓGICOS E CONCEITUAIS ATUAIS NOS ESTUDOS DO LITORAL EM GEOGRAFIA EM UM CONTEXTO INTERNACIONAL

Bachelard (1996), em um trabalho que trata da necessidade da renovação continuada da ciência, afirma que o trabalho de análise epistemológica é pôr em evidência a gênese e o desenvolvimento das ideias entre todos os conhecimentos de um determinado período. Para o autor, o fazer científico deve buscar a reconstrução incessante do próprio saber científico, de modo que se desenvolva um pensamento que trabalhe sobre o desconhecido, procurando no real tudo que engendra contradições em conhecimentos prévios. Nesse sentido, analisar o próprio ato de conhecer torna visível os avanços, as falhas, as lentidões e os conflitos do conhecimento produzido – sendo possível revelar as suas estagnações, as regressões e as inércias, denominadas pelo autor de obstáculos epistemológicos – e, conseqüentemente, permite a superação de tais obstáculos.

Nesses termos, torna-se primordial continuar remontando as bases históricas, teórico-metodológicas e conceituais dos estudos sobre o litoral na ciência geográfica, no intuito de revelar e alertar sobre os avanços e as ambiguidades produzidas no pensamento geográfico, superando o saber existente, e auxiliando na reflexão permanente sobre o próprio pensamento geográfico. Nesse sentido, para os objetivos do texto, buscamos transitar entre escalas da produção do conhecimento científico, revisitando brevemente a literatura internacional - particularmente obras publicadas nos idiomas inglês, francês e espanhol -, com o propósito de ampliar o entendimento acerca dos estudos geográficos sobre o litoral produzidos no Brasil.

Nesse sentido, Adalberto Vallega (1999) discorre sobre o crescimento do interesse e, conseqüentemente, de pesquisas realizadas na Geografia sobre o litoral no mundo. O autor menciona que as preocupações dos cientistas estão intrinsecamente relacionadas à concentração de dois terços da população mundial vivendo no litoral, combinadas a problemas socioambientais como, por exemplo, as mudanças climáticas e o aumento do nível do mar. Nesse âmbito, ainda

⁷ Mais recentemente no Brasil os geógrafos têm se dedicado aos estudos fenomenológicos sobre a experiência dos sujeitos ou grupos humanos com suas espacialidades, porém em número ainda bem menor se comparado à perspectiva materialista histórica que passou a figurar na Geografia no país aproximadamente partir da década de 1970. No tocante aos estudos sobre litoral que trabalham a partir de uma abordagem fenomenológica ver, por exemplo, Sousa (2011) e Medeiros (2020).



segundo Vallega (1999), a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (ECO-92) promoveu a Agenda 21 para buscar o desenvolvimento costeiro sustentável por meio de uma gestão integrada.

Quando da ocorrência da ECO-92, Vallega era professor da Universidade de Gênova, Itália, e ocupava a Vice-Presidência da União Geográfica Internacional (UGI), no período de 1996 a 2000. Data também desse período a publicação do livro *Fundamentals of Integrated Coastal Management* [Fundamentos do Planejamento Integrado da Zona Costeira], lançado por ele precisamente no ano de 1999. O objetivo principal de Vallega (1999) era fazer uma reflexão sobre a necessidade do planejamento integrado das zonas costeiras, considerando suas distintas escalas espaciais, em um mundo industrializado que passava por profundas transformações políticas e econômicas.

A publicação de Vallega (1999) consiste num produto resultante das discussões realizadas no âmbito da União Geográfica Internacional (UGI) e da Organização das Nações Unidas (ONU). Na Assembleia Geral da UGI, particularmente no 28º Congresso Internacional de Geografia, decidiu-se por incluir o programa *Oceans* – programa da UGI de divulgação científica com ênfase nos oceanos – e torná-lo ativo entre os anos de 1996 e 2000, com a finalidade de contribuir com o desenvolvimento educacional sobre o oceano e implementar abordagens interdisciplinares adaptadas às diretrizes da Agenda 21⁸.

Diante do contexto mencionado, Vallega (1999) se esforçou em estabelecer uma base de cooperação e parcerias para discussões científicas internacionais sobre o planejamento integrado das zonas costeiras. Para tanto, o autor realizou uma ampla revisão bibliográfica sobre a temática e apontou para um “[...] confuso horizonte de paradigmas conflituosos e conceitos vagos” (VALLEGA, 1999, p. 2, tradução nossa). Apesar disso, o próprio autor reconhece tentativas de delimitação e diferenciação entre os conceitos por meio de diversos esforços de cientistas em variadas áreas do conhecimento, porém afirmou que não existe uma constelação teórico/conceitual consistente (SILVA, 2019).

Vallega (1999) retrata que os livros produzidos sobre a gestão das zonas costeiras, majoritariamente, concentraram seus esforços e preocupações na escala nacional, nas relações institucionais e em problemas particulares. O autor evidencia que seria necessário abandonar abordagens disciplinares e buscar a interdisciplinaridade, adotando as zonas costeiras como

⁸ O intercâmbio entre a UGI e a ONU a partir do programa *Oceans* contribuiu para a realização do seminário internacional *The role of ocean science and geography in facing ocean management for the twenty-first century* [A função das ciências do oceano e da Geografia no enfrentamento da gestão dos oceanos no século XXI] ocorrido em Portugal em 1998. A partir desse evento, o programa *Oceans* foi expandido e convertido no programa *Oceans 21*, aplicado conjuntamente pela ONU e UGI. A ONU declarou o ano de 1998 como o *Ano Internacional dos Oceanos* para aumentar a consciência global sobre os oceanos (VALLEGA, 1999).



sistemas complexos com base na epistemologia da complexidade, perspectiva que serviria como base de integração entre disciplinas que se ocupam da gestão das zonas costeiras.

Retornando ao tema da imprecisão conceitual, Vallega (1999) aponta a existência de três conceitos centrais nos debates sobre o planejamento integrado: zona costeira (*coastal zone*), área costeira (*coastal area*) e sistema costeiro (*coastal system*). Referente à confusão conceitual entre área e zona costeira, Vallega (1999) menciona que, por um lado, diversos autores tratam esses conceitos como sinônimos e, por outro, há autores que evidenciam a existência de diferenças entre esses dois conceitos, como, por exemplo, os estudos de Sorensen e McCreary publicados em 1990 (SILVA, 2019).

Sorensen e McCreary (1990) identificam diferenças entre área e zona costeira, definindo que área costeira é um recorte espacial, constituído de fenômenos sociais e naturais realizados tanto na porção continental quanto no oceano, que não tem um limite definido. Esses autores mencionam a importante contribuição de Ketchum (1972) para a formulação do seu próprio conceito de zona costeira, pois esta se constitui na interface entre dois domínios, o do mar e o da terra. Assim, a zona costeira é entendida como zona de terra que é afetada pelo mar e, concomitantemente, pela área do mar que é afetada pela terra. No entanto, é importante mencionar que Ketchum (1972), ao refletir sobre os limites e sobre as características demográficas, funcionais, ecológicas e geográficas das zonas costeiras, argumenta que “[...] os limites continentais da zona costeira são demasiadamente vagos, incapazes de serem plenamente delimitados” (KETCHUM, 1972, p. 5, tradução nossa).

Barragán Muñoz (2004), refletindo acerca dos conceitos e terminologias utilizados nos estudos sobre o litoral, afirma que em castelhano litoral e costa são utilizados de maneira recorrente como sinônimos. O autor menciona que na Espanha as publicações que utilizam o termo costa, se referem a uma “franja relativamente estreita situada a um lado e outro do contato terra-mar” (BARRAGÁN MUÑOZ, 2004, p. 16, tradução nossa) e aquelas que utilizam litoral estão relacionadas a superfícies mais amplas, principalmente na direção do continente. Em seguida, o autor demonstra que as publicações sobre a temática utilizam majoritariamente como base as pesquisas de língua inglesa, apesar de reconhecer a utilização como sinônimos por alguns pesquisadores.

Barragán Muñoz (2004) refere-se, assim, à zona costeira como superfície delimitada por critérios jurídico-administrativos, com contornos regulares ou poligonais, e a área costeira como espaço geográfico dotado de formas e dimensões ligadas aos fenômenos naturais e humanos; nesse caso, possuindo contornos mais irregulares. Por fim, o autor declara que zona costeira, litoral e área litoral são terminologias que podem ter o mesmo sentido dentro do contexto do planejamento e da gestão integrada.



Referente às pesquisas científicas escritas em língua francesa, também existem tentativas de sistematização e de proposição teórico-metodológicas e conceituais. A pesquisa de Silva (2019) realizou uma extensa consulta a publicações escritas em língua francesa sobre o litoral, costa, zona costeira, áreas costeiras, praia e o planejamento integrado a partir da consulta ao *Open Journal System*. Foram consultadas revistas como: *Bulletin de l'Association de géographes français*; *Cahiers Nantais*; *Natures Sciences Sociétés*; e *Développement durable et territoires*. O autor destacou os trabalhos de Bousquet (1990), Corlay (1995), Miossec (2001; 2003/4) e Perrin (2013) como tentativas e esforços de sistematização e proposição de metodologias relacionadas às questões de legislação, natureza, conflitos de uso e de planejamento integrado da zona costeira.

Diante do breve panorama internacional apresentado, é importante dar continuidade à contextualização do aprofundamento dos debates sobre o litoral na ciência geográfica no Brasil, agora com foco nas últimas décadas. Esses debates se intensificaram ao longo do final do século XX, acompanhando paralelamente as discussões internacionais, em um momento de crescimento das preocupações ambientais dentro e fora do Brasil concretizadas em políticas públicas na década de 1990.

4 ESTUDOS DO LITORAL EM GEOGRAFIA NO BRASIL NA ATUALIDADE

A importância dos estudos geográficos sobre o litoral brasileiro se relaciona com a própria compreensão sobre a formação socioespacial do país; o seu posicionamento estratégico no comércio internacional; suas potencialidades de usos e de troca para a acumulação do capital; a ocupação urbana; a industrialização; o transporte; os impactos de políticas governamentais no fomento ao turismo, entre outros processos (BARRAGÁN MUÑOZ, 2006; MORAES, 2007). Cabe lembrar, conforme destaca Ab'Saber (2001), que o Brasil é o país que possui o maior conjunto de praias arenosas do mundo situadas na zona intertropical, com uma diversidade de paisagens e de compartimentações geomorfológicas que aumenta a dificuldade de produzir uma regionalização adequada, ao passo que também lhe coloca em uma situação de relevância diante do processo de ressignificação e apropriação que Dantas (2009) tem denominado de maritimidade.

Para Vallega (1999) e Barragán Muñoz (2006), a década de 1990 é um marco temporal para compreensão das mudanças de gestão da zona costeira no âmbito geográfico. O primeiro autor percorreu sobre publicações na literatura internacional, mais especificamente europeia e norte-americana, ao passo que o segundo se debruçou sobre a Espanha e a América Latina. Portanto, a partir da década de 1990, surgiram diversos processos de gestão da zona costeira que se diferenciam de acordo com o contexto social, econômico, político e institucional de cada país latino-americano (BARRAGÁN MUÑOZ, 2006).



Diante desse cenário se intensificaram os interesses dos geógrafos sobre litoral brasileiro e as pesquisas com abordagens geográficas sobre o litoral desenvolvidas no Brasil, como aquelas dos professores Antônio Carlos Robert Moraes e Eustógio Wanderley Correia Dantas. Lins-de-Barros e Muehe (2009), conforme mencionado neste texto, reconhecem a importância de estudos geográficos no Brasil sobre o litoral produzidos, desde a década de 1960, pelos geógrafos João Dias da Silveira, Aziz Nacib Ab'Saber, Dieter Muehe, Marcus Polette e Antônio Carlos Robert Moraes. Dantas (2009), em adição, demonstra que a ciência geográfica tem se debruçado de forma crescente sobre as representações da sociedade sobre o mar e o marítimo desde a década de 1970.

O desenvolvimento das pesquisas e publicações de Moraes tem como marco inicial a sua participação em discussões ambientais em eventos nacionais institucionais na década de 1980. Assim, a trajetória acadêmica de Moraes foi marcada pela participação em diversos eventos pertencentes à temática ambiental e pela realização de consultorias a convite do Ministério do Meio Ambiente (MMA) que resultaram em contribuições metodológicas e de modelo institucional na estruturação e constituição do Programa Nacional de Gerenciamento Costeiro (PNGC) na década de 1990 e em contribuições posteriores como o *Macro Diagnóstico da Zona Costeira na escala da União* em 1996. O autor também atuou como membro da delegação brasileira no seminário intergovernamental promovido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (MORAES, 2001; 2007; LINS-DE-BARROS; MUEHE, 2009; SILVA, 2019).

As contribuições acadêmicas mais diretas de Eustógio Dantas sobre o litoral têm como ponto de partida a pesquisa sobre maritimidade nos trópicos iniciada no processo de doutoramento concluído em 2000. O autor analisou como o mar se tornou um importante elemento geográfico nos processos de produção do espaço urbano brasileiro a partir dos ideais presentes nos estudos desenvolvidos por Alain Corbin (1989). Após o seu processo de doutoramento, as pesquisas de urbanização litorânea, mais especificamente sobre maritimidade nos trópicos e vilegiatura marítima, têm se ampliado e estão sendo continuamente debatidas e aplicadas em trabalhos de doutorado e mestrado no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC), e também servindo de referência teórico-metodológica em outras instituições de pesquisa como a Universidade Federal da Bahia (UFBA), culminando em trabalhos como os de Sousa (2010), Magalhães (2016) e Silva (2019).

No tocante aos problemas teórico-metodológicos e conceituais numa abordagem geográfica do litoral no Brasil, Moraes (2007) – na obra intitulada *Contribuições para a gestão da zona costeira do Brasil: elementos para uma Geografia do Litoral brasileiro*, publicada originalmente em 1999 – reconheceu que apesar dos amplos conhecimentos realizados internacionalmente sobre o litoral nos últimos anos, ainda “trafega-se num campo marcado por grande experimentação teórica,



com soluções ainda provisórias para várias questões, e com paradigmas pouco sedimentados” (MORAES, 2007, p. 17).

Nesse sentido, a constituição de uma reflexão sobre edificações teórico-metodológicas e conceituais, construídas e utilizadas pela ciência geográfica para o estudo do litoral, requer uma análise do devir do pensamento geográfico sobre tal objeto ou sobre possível setorização de uma nova subárea. Assim, uma investigação epistemológica dos geógrafos sobre esses estudos – seus avanços e limites – deve implicar também em uma reflexão sobre cada noção, de forma a observar e expor a polissemia existente na adoção das conceituações, analisando o que cada definição diferencia, delimita e recusa (BACHELARD, 1978).

Ab’Saber (2001), em sua obra intitulada o *Litoral do Brasil*, propôs uma macrossetorização da costa brasileira, na intenção de demonstrar os aspectos geomorfológicos e paisagísticos desses ambientes. Nessa obra, o autor também identifica a utilização de noções demasiadamente variadas na literatura científica, reconhecendo a existência de “uma verdadeira parafernália conceitual relacionada à faixa costeira” (AB’SABER, 2001, p. 14). Muehe (2012), por outro lado, destaca que a confusão entre os termos advém da dificuldade de tradução literal dos termos originários de literaturas internacionais especializadas.

Nesse sentido, cabe observar também a polissemia de noções existente na literatura geográfica, verificadas em publicações produzidas no Brasil. Dessa forma, a título de exemplo, buscando dar conta de uma maior diversidade teórico-metodológica, regional e temporal, selecionamos publicações reconhecidamente associadas às pesquisas em litoral no Brasil. Assim, foram analisados os trabalhos de Silveira (1968), Ab’Saber (2001), Muehe (2001; 2012), Moraes (2007), Dantas (2009), Prost (2010), Sousa (2010) e Pereira (2014).

Se, por um lado, a variedade de noções demonstra o esforço dos autores em construir bases teórico-metodológicas e conceituais consistentes, contribuindo efetivamente para o avanço dos estudos sobre litoral em Geografia, por outro lado, evidencia a necessidade de reflexões contínuas dos geógrafos sobre tais noções e sua utilização diante de um objeto dinâmico, sobre o qual incidem novas práticas e valores sociais. Nessas publicações foram encontradas uma ampla diversidade de termos. Em síntese, ao analisarmos as obras utilizadas como exemplificação, foram encontrados 78 termos distintos nos estudos sobre o litoral (Quadro 1).



Quadro 1: Listagem dos conceitos, adjetivações e/ou noções derivadas utilizados nas publicações geográficas mencionadas.

Conceitos	Adjetivações e/ou noções derivadas
Litoral	Aglomeração urbana litorânea, ambiência litorânea, ambiente litorâneo, áreas litorâneas, borda litorânea, boulevard litorâneo, cidade litorânea, complexos litorâneos, conurbação litorânea, espaços litorâneos, espaços litorâneos urbanos, espacialidades litorâneas, espaços litorâneos metropolitanos, fachada litorânea, faixa litorânea, formas urbanas litorâneo-marítimas, fundos territoriais litorâneos, linha litorânea, litorização da humanidade, localidade litorânea, localização litorânea, lugar litorâneo, macrossetor litorâneo, núcleo litorâneo, ocupação litorânea, paisagem litorânea, países periféricos litorâneos, paragem litorânea, região litorânea, região sublitorânea, solo litorâneo, território litorâneo, turismo litorâneo, urbanização litorânea, zona de litoral e zona litorânea.
Costa	Ambiente costeiro, área costeira, borda costeira, cidade costeira sublitorânea, complexo costeiro, espaço costeiro, faixa costeira, linha de costa, linha costeira, meio costeiro e marítimo, núcleo costeiro, paisagem costeira, processos costeiros, região costeira, setor costeiro e zona costeira.
Orla	Orla atlântica, orla costeira, orla litorânea, orla marítima, orla oceânica, orla praiana, orla urbana, orla terrestre urbanizada e orla terrestre não urbanizada,
Praia	Cultura de praia, espaços praias, praias urbanas e zonas de praia.
Mar/Oceano	Borda marítima, borda oceânica, beira-mar, espaço marítimo, espaço à beira-mar, práticas de lazer marítimo, práticas marítimas modernas, vilegiatura marítima e vilegiatura solar.

Fonte: Adaptado de Silva, 2019.

Em complemento à análise conceitual desenvolvida, visando a continuidade da investigação epistemológica de que fala Bachelard (1978), realizamos um levantamento de eventos científicos e institucionais que se dedicaram aos estudos geográficos sobre o litoral brasileiro. A década de 1990, conforme mencionado anteriormente, é uma importante referência temporal do aprofundamento e expansão de trocas de experiências entre governos, instituições de pesquisa e pesquisadores sobre o litoral brasileiro, dos quais destacam-se: o Encontro Nacional de Gerenciamento Costeiro (ENCOGERCO); o Congresso Iberoamericano de Gestão Integrada de Áreas Litorais (GIAL); Seminário de Gestão Integrada da Zona Costeira; e o Seminário Espaços Costeiros.

Tendo em vista que entre os quatro eventos acadêmicos citados, as edições do Seminário Nacional Espaços Costeiros se constituíram nas únicas organizadas por dois grupos de pesquisa vinculados a departamentos de Geografia⁹ (*Costeiros - Estudos Socioespaciais*, sediado na Universidade Federal da Bahia - UFBA e o *Núcleo de Pesquisa e Extensão: Urbano, Território e*

⁹ Optamos pela análise do Seminário Nacional Espaços Costeiros, pois o Seminário de Gestão Integrada da Zona Costeira teve uma coordenação de grupos de pesquisa interdisciplinar. O Seminário de Gestão Integrada da Zona Costeira teve um total de cinco edições, respectivamente, realizadas nos anos de 2003, 2007, 2009, 2013 e 2017. Este evento foi realizado ora pelo Laboratório de Geologia e Geomorfologia Costeira e Oceânica - constituído pelo grupo de pesquisa de caráter interdisciplinar *Sistema Costeiros e Oceânicos* - ora pelo *Laboratório de Gestão Integrada da Zona Costeira* - composto pelo grupo de pesquisa interdisciplinar *Gestão Integrada da Zona Costeira*, ambos atuantes no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará (UECE).



Mudanças Contemporâneas, vinculado à Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ), optamos por analisar os trabalhos publicados nos anais do evento, resultantes de apresentações em sessões temáticas, bem como a publicação de um livro produto da seleção de comunicações em mesas-redondas.

As edições desse evento expressam a importância da extensão universitária manifestada na troca de conhecimentos e experiências entre a universidade pública e a sociedade civil através da realização de mesas-redondas e grupos de trabalho com a participação de palestrantes pertencentes à movimentos sociais, à universidade e ao poder governamental. Por um lado, a análise dos trabalhos indica, simultaneamente, a diversidade de instituições de pesquisas e a ampla abrangência dos estudos sobre o litoral em território nacional, abarcando os estados da Bahia, Espírito Santo, Pará, Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Sergipe. Por outro lado, a maior parte dos trabalhos realizados se debruçam sobre recortes espaciais locais e valorizam experiências empíricas.

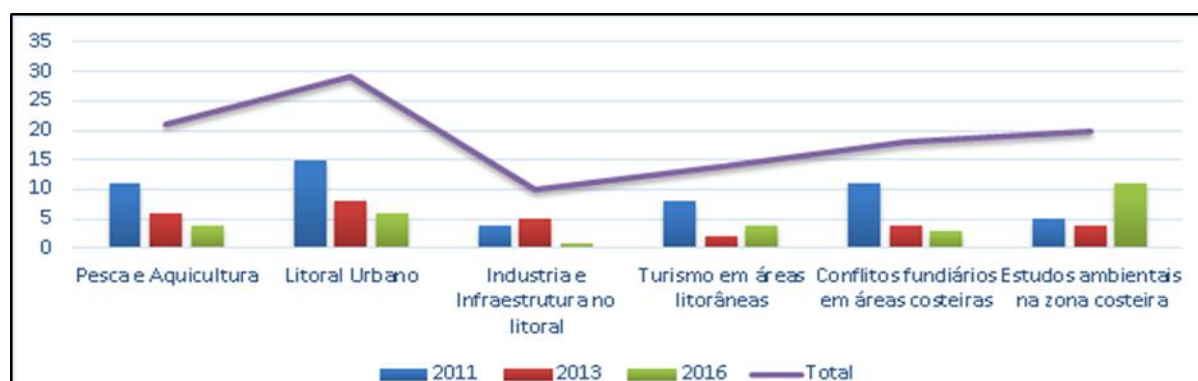
Com textos redigidos a partir das mesas-redondas ocorridas nas diferentes edições do evento, Prost e Silva (2016) organizaram um livro que expressa bem a natureza do seminário: os textos selecionados para comporem a coletânea seguem o pressuposto da importância do diálogo e intercâmbio de experiências entre universidade e sociedade civil. Entre as apresentações selecionadas e redigidas figuram textos de acadêmicos, lideranças de pescadores e movimento popular por moradia.

Já a análise dos *Anais* do Seminário Nacional Espaços Costeiros, ao longo das suas três edições, evidencia que foram produzidos 112 trabalhos científicos divididos em seis eixos temáticos distintos¹⁰. Os eixos temáticos com o maior quantitativo de trabalhos apresentados foram, respectivamente, litoral urbano, pesca e aquicultura e estudos ambientais na zona costeira. Referente à quantidade de trabalhos aprovados para publicação nos *Anais*, a primeira edição do evento se diferenciou das demais, pois foram 54 trabalhos aprovados na primeira e 29 nas demais edições (Gráfico 1).

¹⁰ Os eixos temáticos do Seminário Nacional Espaços Costeiros são: Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano; Litoral Urbano: apropriação, usos e conflitos; Indústria e Infraestrutura no litoral: contextos e conflitos; Turismo em áreas litorâneas: contextos e implicações; Conflitos fundiários em áreas costeiras: diversidade de agentes e territórios; e Estudos ambientais na zona costeira: interações com o meio físico e/ou biológico.



Gráfico 1. Trabalhos publicados nos anais das três edições do evento Seminário Nacional Espaços Costeiros (2011, 2013 e 2016) de acordo com os eixos temáticos.



Fonte: *Anais do Seminários Nacional Espaço Costeiro*.

Elaboração dos autores.

No tocante à área disciplinar dos trabalhos publicados nos *Anais* desse evento, é notória a expressividade da Geografia com publicações que representam 70,5% da produção acadêmica total, seguidos das Ciências Biológicas com 15,2%, e da Arquitetura e Urbanismo e Educação, ambos com 2,7% (Tabela 1). Nesse sentido, os dados produzidos para a análise ratificam a assertiva da crescente importância e do interesse dos geógrafos em debater o litoral no Brasil, de forma a estabelecer o intercâmbio com outras áreas do conhecimento; entre pesquisadores e instituições de pesquisa; e entre sociedade civil e órgãos do poder governamental.

Tabela 1. Trabalhos acadêmicos por campo disciplinar publicados nos anais das três edições do evento Seminário Nacional Espaços Costeiros (2011, 2013 e 2016).

Campo Disciplinar	Anos				
	2011	2013	2016	Total	%
Antropologia	1	0	1	1	0,9
Arquitetura e Urbanismo	2	0	1	3	2,7
Ciências Biológicas	13	2	2	17	15,2
Direito	2	0	0	2	1,8
Agronomia	1	0	0	1	0,9
Educação	1	2	0	3	2,7
Engenharia Civil	1	0	0	1	0,9
Oceanografia	0	1	0	1	0,9
Engenharia Ambiental	1	0	1	2	1,8
Geografia	31	23	25	79	70,5
História	0	1	0	1	0,9
Sociologia	1	0	0	1	0,9
Total	54	29	29	112	100,0

Fonte: *Anais do Seminários Nacional Espaço Costeiro*.

Elaboração dos autores.



Em consonância com o levantamento dos eventos científicos e institucionais, ainda no intuito de refletir sobre a necessidade de investigações epistemológicas continuadas sobre os estudos acerca do litoral em Geografia, consultamos o *Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil (DGP)* do CNPq para buscar grupos de pesquisa científica e tecnológica atuantes no Brasil que trabalham com a temática litoral. Para isso, elencamos todos os grupos que contêm as noções litoral, zona costeira, costa ou praia na sua nomenclatura, na linha de pesquisa ou em palavras-chave¹¹.

Os grupos de pesquisa analisados podem ser classificados em dois conjuntos distintos: os exclusivamente geográficos e os interdisciplinares. Os grupos exclusivamente geográficos são grupos de pesquisa ativos alocados em Departamentos de Geografia. Atualmente existem 19 grupos no Brasil distribuídos nos estados de: Alagoas (UFAL), Bahia (UFBA), Distrito Federal (UNB), Espírito Santo (IFES), Pará (UFPA), Paraíba (IFPB), Paraná (UNICENTRO), Pernambuco (UFPE; IFPE), Piauí (UESPI), Rio de Janeiro (UFRJ; UFF), São Paulo (UNICAMP; UNESP) e Sergipe (IFS; UFS).

Os grupos interdisciplinares são grupos não pertencentes ao Departamento de Geografia que se constituem com duas ou mais áreas científicas como, por exemplo, Geologia e Geografia ou Oceanografia e Geografia. Em síntese, existem 23 grupos de pesquisa interdisciplinares atuantes em diversos estados do Brasil: Alagoas (UFAL); Bahia (IFBA; IFBAIANO; UFRB); Ceará (UECE; UFC); Maranhão (UFMA); Pará (Museu Goeldi; UFPA); Paraná (UFPR); Pernambuco (UFPE); Rio de Janeiro (PUC-RJ; UERJ; UFRJ); Rio Grande do Sul (FURG; UFRGS); Santa Catarina (UFSC); São Paulo (IG-SP; UNITAU) e Sergipe (UFS). A interdisciplinaridade desses grupos majoritariamente concentra-se na área Geociências, com a predominância de subáreas geográficas como climatologia, geomorfologia, hidrologia e cartografia. De modo remanescente, a interdisciplinaridade é exercida em subáreas como Geografia agrária, Educação ambiental, Geografia urbana e Geografia política.

Diante da sistematização dos dados apresentados ao longo deste tópico, observamos o aumento do interesse dos geógrafos pelos estudos sobre o litoral, com importantes avanços institucionais (como a criação de laboratórios e constituição de grupos de pesquisa voltados para as temáticas litorâneas) e científicos (o esforço de construção de novas perspectivas analíticas, a elaboração de constelações conceituais e o fomento aos debates realizados em eventos científicos). Isso reafirma a necessidade de reflexões continuadas por parte dos geógrafos sobre as adequações das bases científicas para o tratamento de um objeto dinâmico sobre o qual incidem novas práticas e valores sociais.

¹¹ A justificativa de escolha dessas noções para a realização do levantamento dos grupos de pesquisa no Brasil é a sua maior utilização e reconhecimento nos estudos geográficos sobre o litoral, expressas, por exemplo, no Dicionário Geológico-Geomorfológico de Guerra (1993).



Nesse sentido, uma agenda de pesquisa se abre para novos estudos sobre os caminhos percorridos até aqui na Geografia e o que se define como horizonte para o pensamento geográfico sobre o litoral. Pensar os avanços, limites e desafios do conhecimento produzido nos estudos geográficos do litoral se apresenta, assim, como um imperativo para a Geografia na atualidade, diante das transformações socioespaciais pelas quais passaram o espaço litorâneo (concentração da população mundial nesses espaços; urbanização e industrialização; impactos socioambientais resultantes de políticas públicas; a procura pela atividade turística; especulação imobiliária, entre outros) e diante do crescimento do interesse dos geógrafos sobre a temática litorânea (aumento da produção bibliográfica acerca do litoral; intercâmbios acadêmicos; pesquisas em níveis de graduação e de pós-graduação; seminários especializados e outros).

Se, por um lado, devemos observar que o crescimento do interesse dos geógrafos pelo litoral está ligado às novas dinâmicas e problemas socioespaciais resultantes dos usos e significados que incidiram sobre esses espaços nos dois últimos séculos – entendendo-se aí as particularidades e diferentes contextos espaços-temporais –, por outro, é imperativo que essa leitura leve em consideração o próprio trânsito epistemológico pelo qual passou a Geografia de maneira geral no curso desse tempo. Se a morfologia dos conjuntos de paisagens e o estabelecimento dos quadros regionais da Geografia positivista respondiam satisfatoriamente à busca por uma sistematização das informações físico-naturais do litoral, as novas dinâmicas e práticas sociais, resultantes da “descoberta do mar”, impuseram aos geógrafos a necessidade de repensar suas formas de abordagens levando-se em consideração os processos de objetivação e subjetivação que incidem sobre esses espaços. Cabe, assim, aos geógrafos uma reflexão contínua sobre as formas de apreensão e análise dos processos socioambientais que particularizam o litoral na atualidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou contribuir para o debate acerca do lugar dos estudos litorâneos na Geografia desde meados do século XIX. Para tanto, apresentamos breves notas históricas amparadas em revisões bibliográficas já realizadas por outros pesquisadores, de modo a evidenciar um trânsito epistemológico que, por um lado, acompanha a própria trajetória da Geografia, mas, por outro lado, guarda suas particularidades relacionadas às próprias mudanças de usos e significados que os espaços litorâneos passaram, sobretudo ao longo do século XX. Em adição, tentando reafirmar o aumento do interesse acadêmico dos geógrafos sobre a temática, fizemos, além de uma revisão bibliográfica mais atualizada, um breve levantamento sobre a composição temática de eventos acadêmicos e os alinhamentos científicos de grupos que constam no diretório de pesquisas do CNPq.



No tocante à revisão da bibliografia mais recente, a diversidade de noções encontrada demonstra o esforço dos autores em construir mediações consistentes para a prática investigativa sobre os processos socioambientais relacionados aos espaços litorâneos, contribuindo para o avanço das análises geográficas. Todavia, essa variedade também evidencia a necessidade de reflexões contínuas dos geógrafos sobre tais noções e sua utilização diante de um objeto sobre o qual incidem novas práticas, usos e apropriações sociais.

Já com relação aos dados presentes nos anais de eventos científicos, a presença de trabalhos majoritariamente geográficos corrobora com a assertiva de que é crescente o interesse dos geógrafos pela temática litorânea e imperativo a necessidade de se pensar como a Geografia pode contribuir para a compreensão das dinâmicas socioambientais, seja na sua prática disciplinar ou através de articulações interdisciplinares. E, por fim, a análise do diretório dos grupos de pesquisa apresentou uma diversidade institucional e regional que reafirma as dinâmicas dos espaços litorâneos na atualidade como uma questão central tanto para a sociedade como para o labor científico dedicado às demandas da sociedade.

REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, A. N.; CHRISTOFOLETTI, A.. Geociências. In: FERRI, M.; MOTOYAMA, S. (Orgs.). **História das ciências no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1980. v. 2, p. 117-238.

AB'SABER, A. N.. **Litoral do Brasil**. São Paulo: Metalivros, 2001. 281p.

BACHELARD, G.. **A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BARRAGÁN MUÑOZ, J. M.. **Las áreas litorales de España**: del análisis geográfico a la gestión integrada. Barcelona: Editora Ariel, 2004. 214p.

_____. **La gestión de áreas litorales en España y Latinoamérica**, Cadiz: Universidad de Cadiz, 2006. 198p.

BAUMGARTNER, W. H.. A geografia das cidades em Bernardino José de Souza: influência alemã e conhecimento local nas monografias descritivas do estado da Bahia. In: SOUSA, A. N. de; VAZ, C. B. N. (Orgs.). **A Geografia no alvorecer da República**: contribuições à história da ciência geográfica no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2019, p. 93-112.

BOMFIM, P. R. A. Michel Rochefort e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística na década de 1960. **Sociedade & Natureza**, v. 27, n. 3, p.365-378, 2015.

BOUSQUET, B.. Définition et identification du littoral contemporain. **Revue Juridique de l'Environnement**, n°4, p. 451-468, 1990.



- CARDOSO, L. P. C.. **O Lugar da Geografia Brasileira**: a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro entre 1883 e 1945. São Paulo: Editora AnnaBlume, 2013.
- CLAVAL, P.. **Epistemologia da Geografia**. 2ª edição. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.
- CORBIN, A.. **Território do vazio**: a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Editora Schwarz Ltda, 1989.
- CORLAY, J-P.. Géographie sociale, géographie du littoral. **Norois**, nº165, Janvier-Mars, p. 247-265, 1995.
- COSTA, M. B. da. Os estudos de climatologia na Bahia na transição entre os séculos XIX e XX (1862-1934). In: SOUSA, A. Nunes de; VAZ, C. B. N. (Orgs.). **A Geografia no alvorecer da República**: contribuições à história da ciência geográfica no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2019, p. 169-195.
- DANTAS, E. W. C.. **Maritimidade nos trópicos**: por uma geografia do litoral. Fortaleza: Edições UFC, 2009.
- DOMINGUES, A. J. P.; KELLER, E. C. de S.. **Bahia**. Rio de Janeiro, RJ: Conselho Nacional de Geografia, 1958. 310 p.
- DUARTE, R. B.. Projetos para um país em projeto. **Terra Brasilis (Nova Série) [Online]**, 8, 2017. Disponível em:<<http://journals.openedition.org/terrabrasilis/2071>>. Acesso em: 31 agosto 2020.
- GUERRA, A. T.. **Dicionário geológico-geomorfológico**. Rio de Janeiro: IBGE, 1993. 446p.
- KETCHUM, B.. **The water edge**: critical problems of the coastal zone. Cambridge, MA: Massachusetts Institute of Technology Press, 1972.
- LINS-DE-BARROS, F. M.; MUEHE, D.. Tradição da Geografia nos Estudos Costeiros. **Mercator**, Fortaleza, v. 8, n. 16, p. 103-109, outubro, 2009.
- MAGALHÃES, D. S.. **Fragmentação e segregação sócio-espacial no processo de urbanização do litoral nordeste da Bahia**: os dois lados da Rodovia BA-099. 2016. 332f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Geociências, Salvador, 2016.
- MARY, C. P.. **Geografias Pátrias**: Portugal e Brasil - 1875-1889. Niterói: Editora da UFF, 2010.
- MEDEIROS, A. L. N.. Paisagem de Praia/Landscape of the beach. **Geograficidade**. Niterói, v. 10, nº especial, Outono 2020.
- MIOSSEC, Al.. L'évolution de la géographie des océans et des littoraux face aux perspectives du développement durable au XXIe siècle. Quelles hypothèses envisager?//The geography of coasts and seas facing sustainable development: what could be the future?. **Annales de Géographie**, t. 110, nº 621, p 509-526, 2001.
- _____. Encadrement juridique, aménagement du littoral, gestion du littoral: les géographes et le droit (Jurisprudence, coastal planning and management : geographers and law). **Bulletin de l'Association de Géographes Français**, 81e année,p. 288-297, septembre, 2003-2004.
- MORAES, A. C. R.. Entrevista a Paulo Cesar Scarim. In: SCARIM, Paulo Cesar. **Coetâneos da crítica**: contribuição ao estudo do movimento de renovação da geografia brasileira. 2001. 593f.



- Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana – Universidade de São Paulo, 2001.
- MORAES, A. C. R.. **Território e História no Brasil**. 2ª edição. São Paulo, AnnaBlume, 2005.
- _____. **Contribuições para a gestão da zona costeira do Brasil**: elementos para uma geografia do litoral brasileiro. São Paulo: Annablume, 2007. 237p.
- MOREIRA, Ruy. **O pensamento geográfico brasileiro 3** – as matrizes brasileiras. Ed. Contexto, 2010a.
- MOREIRA, R.. **Pensar e ser em Geografia**. São Paulo: editora Contexto, 2010b.
- MUEHE, D.. Critérios morfodinâmicos para o estabelecimento de limites da orla costeira para fins de gerenciamento. **Revista Brasileira de Geomorfologia**, Uberlândia - MG, v. 2, n. 1, p. 35-44, 2001.
- _____. Geomorfologia Costeira. In: GUERRA, A. J. T; CUNHA, S. B da (Orgs.). **Geomorfologia**: uma atualização de bases e conceitos. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p. 253-308.
- PEREIRA, A. Q.. **A urbanização vai à praia**: vilegiatura marítima e metrópole no Nordeste do Brasil Fortaleza: Edições UFC, 2014. 202p.
- PEREIRA, S. N.. **Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro**: origens, obsessões e conflitos (1883-1944). Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.
- PEREIRA, S. N.. Bernardino de Souza e o ensino da Geografia científica no Brasil: notas sobre um pioneiro. In: SOUSA, A. N. de; VAZ, C. B. N. (Orgs.). **A Geografia no alvorecer da República**: contribuições à história da ciência geográfica no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2019, p. 273-282.
- PERRIN, C.. Introduction: entre terre et mer. Enjeux de définition, de délimitation et de représentation du littoral méditerranéen. In: PERRIN, Coline (Org.). **Un littoral sans nature? L'avenir de la Méditerranée face à l'urbanisation**. Rome: École Française de Rome, 2013. p. 9-17.
- PROST, C.. Resex marinha versus polo naval na Baía do Iguaçu - BA. **Novos Cadernos NAEA**, v. 13, n. 1, p. 47-70, julho, 2010.
- PROST, C.; SILVA, C. A. da. **Espaços Costeiros Brasileiros**: dilemas e desafios geográficos. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.
- SAMPAIO, T.. A carta-hidrográfica da Bahia de Todos os Santos e de seus arredores. In: **Annaes do 5º Congresso Brasileiro de Geografia**, v. I. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, p. 101-115, 1916.
- SANT'ANNA NETO, J. L.. As matrizes da construção da climatologia geográfica brasileira. In: FIGUEIREDO, C. A. de (Org.). **A construção da climatologia geográfica no Brasil**. Campinas: Alínea, 2015, p. 7-60.
- SANTOS, M.. Introdução. In: TRICART, J., SANTOS, M., SILVA, T. C. da, CARVALHO, A. D. (Orgs.). **Estudos de Geografia da Bahia**. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1958.



SEABRA, M. Caio Prado Jr. e os primeiros anos da AGB: descrição comentada e estudo introdutório de documentos diretamente relacionados à Associação dos Geógrafos Brasileiros, do Dossiê AGB do Acervo Caio Prado Jr., do IEB-USP. In: IUMATTI, P.; SEABRA, M; HEIDEMANN, H. D. (Orgs.). **Caio Prado Junior e a Associação dos Geógrafos Brasileiros**. São Paulo. EDUSP, 2008, p. 13-125.

SILVA, M. B. S. da. **Uso e apropriação das Orlas da Península de Itapagipe e do subúrbio ferroviário em Salvador-BA**. 2019. 139f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Geociências, Salvador, 2019.

SORENSEN, J. C; McCREARY, S. T. **Coasts**: institutional arrangements for managing coastal resources and environments. 2ª ed. Washington: U.S Department of Interior and U.S Agency for International Development, 1990. 194p.

SOUSA, A. N. de. **Orla Oceânica de Salvador**: um mar de representações. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Geociências, Salvador, 2010.

_____. **Orla oceânica de Salvador**: um mar de representações. Salvador: EDUFBA, 2011. 160p.

_____. Bernardino de Souza e o desenvolvimento da Geografia no Brasil: passagens do 5º Congresso Brasileiro de Geografia. In: SOUSA, A. N. de; VAZ, C. B. N. (Orgs.). **A Geografia no alvorecer da República**: contribuições à história da ciência geográfica no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2019, p. 53-74.

SOUSA, A. N. de; JESUS, M. H. de; SANTOS, M. L.. Para entender as críticas de uma geração: o ensino da Geografia entre a Europa e o Brasil no século XIX. In: SOUSA, A. N. de; VAZ, C. B. N.. (Orgs.). **A Geografia no alvorecer da República**: contribuições à história da ciência geográfica no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2019.

SOUZA, B. J. de. Uma página de Oceanografia. In: SOUZA, Bernardino José de. **Por mares e terras**. Livraria Catilina. Bahia, 1913, p. 183-196.

TRICART, J; SILVA, T. C. Observações de geomorfologia litoral no Rio Vermelho (Salvador). In: TRICART, J., SANTOS, M., SILVA, T. C. da, CARVALHO, A. D.. (Org.). **Estudos de Geografia da Bahia**. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1958, p. 111-176.

TRICART, J. A contribuição do Centro de Geografia Aplicada para a “mise en valeur” do Estado da Bahia. **Boletim Baiano de Geografia**, ano I, n. 3, p. 35-48, 1960a.

_____. Problemas geomorfológicos do litoral oriental do Brasil. **Boletim Baiano de Geografia**, ano I, n. 1, p. 5-39, 1960b.

VALLEGA, A. **Fundamentals of Integrated Coastal Management**. Netherlands: Kluwer Academic Press, 1999. 267p.

VAZ, C. B. N. Entre o sertão e a nação: memórias de Theodoro Sampaio no 5º Congresso Brasileiro de Geografia. In: SOUSA, A. N. de; VAZ, C. B. N. (Orgs.). **A Geografia no alvorecer da República**: contribuições à história da ciência geográfica no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2019, p. 75-92.

VLACH, V. O ensino de geografia no Brasil: uma perspectiva histórica. In: VESENTINI, J. W. (Org.). **O Ensino de Geografia no Século XXI**. Campinas, Papirus, 2004, p. 187-218.